

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



Venenosas

PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

ROCCO
JOVENS LEITORES

Venenosas
PRETTY LITTLE LIARS
DE
SARA SHEPARD

TRADUÇÃO
FAL AZEVEDO

ROCCO
JOVENS LEITORES

SUA VEZ, ALI

Alguma vez você já jogou xadrez com alguém realmente bom? Talvez com seu primo, em uma tarde chuvosa? Ou com aquele cara bonito no acampamento, depois que as luzes foram apagadas? O jogo parece fácil, mas os bons jogadores de xadrez estabelecem uma estratégia com dezenas de jogadas de antecedência. Assim, eles podem avançar com ataques furtivos que fazem você pensar: *O que aconteceu dessa vez?* No fim da partida, você talvez se sinta manipulada. Pega de surpresa. Como se fosse a figura mais idiota do planeta.

Existe uma pessoa que faz exatamente isso com quatro meninas bonitas de Rosewood. E faz sempre.

Era uma vez, uma menina cuja mente funcionava como uma interminável partida de xadrez. Até quando parecia vencida, seu novo plano virava o jogo. Todo mundo era seu adversário, especialmente aqueles que mais a adoravam. Seu único desejo era que suas peças fossem as únicas no tabuleiro quando o jogo chegasse ao fim.

E ela não pararia até vencer.

Uma semana após o incêndio em Poconos, que quase a matou, Alison DiLaurentis sentou-se com seu namorado, Nicholas Maxwell, no chão de uma casa vazia em Rosewood, Pensilvânia, uma cidade do subúrbio da Filadélfia onde ela passara vários anos de sua vida. O cômodo estava escuro e não contava com nada além de um colchão, cobertores surrados de flanela, uma televisão antiga que alguém havia abandonado e comida que Nick surrupiara de um minimercado Wawa próximo dali. O ar era azedo e cheirava a poeira, o que fez com que Ali se lembrasse da clínica psiquiátrica em que estivera internada por anos. Ainda assim, aquele esconderijo serviria por algum tempo. Estar livre era uma ótima sensação.

– Ligue isso – pediu Ali, apontando para a televisão.

Nick mudou de canal. Estavam roubando energia elétrica e TV a cabo da região, e, para um garoto rico e mimado, até que Nick estava se saindo bem. Na tela apareceu a transmissão ao vivo de policiais revirando uma pilha de escombros no local onde ficava a casa de férias da família de Ali nas montanhas de Poconos. Ali sabia muito bem o que estavam procurando: *ela*. Ou, mais especificamente, seus ossos.

– As buscas continuam – informou o chefe de polícia a um repórter. – Não existe chance alguma de que a srta. DiLaurentis tenha sobrevivido à explosão.

Ali riu. *Idiotas*.

Nick olhou para ela, preocupado.

– Você está bem? – Ele pegou a mão dela. – Podemos ver outra coisa, se quiser.

Ali puxou sobre o rosto o capuz do moletom que Nick tinha roubado para ela, ainda envergonhada de sua aparência

depois de tantas queimaduras. Ela ficaria boa – Nick tinha arranjado uma enfermeira para vir uma vez por dia trocar os curativos –, mas nunca seria tão bonita quanto antes.

– Não mude de canal – pediu Ali –, não quero mais surpresas.

Ela já passara por sustos suficientes. Seu plano infalível de transformar as velhas amigas em churrasco, junto com Melissa Hastings e o corpo de Ian Thomas, dentro da casa de campo de sua família e, em seguida, desaparecer nas sombras da noite para nunca mais ser vista, tinha se voltado contra ela. Spencer Hastings, Emily Fields, Aria Montgomery e Hanna Marin haviam escapado praticamente ilesas. E as vacas, ainda por cima, guardaram a carta que ela enfiou por baixo da porta, na qual Ali confessava *tudo*: que ela não era Courtney, sua irmã gêmea, mas a *verdadeira* Ali, uma menina mantida em uma clínica psiquiátrica sob falsos pretextos. Que havia matado Courtney na noite de sua formatura do sétimo ano. Que tinha assassinado Ian Thomas e Jenna Cavanaugh. Que tinha enganado as meninas para que confiassem nela e que agora também iria matá-las.

Como não poderia deixar de ser, uma repórter no noticiário, uma idiota de aparência fútil, usando um batom fúcsia medonho, requentava tudo o que estava escrito na tal carta, o que a mídia vinha chamando de Segredos Sombrios de DiLaurentis.

– Caso *tivesse* sobrevivido, a srta. DiLaurentis seria mandada para a prisão pelo resto de sua vida, por todos os crimes que cometeu – disse a repórter, em um tom grave.

Nick roeu uma unha.

– Eu gostaria que a carta não tivesse sido tão definitiva.

Ali revirou os olhos.

– Eu lhe disse para escrever tudo aquilo. Pare de se preocupar.

Tinha sido Nick quem escrevera a carta para as meninas, e não Ali. Ela implorou dizendo que ele era melhor com palavras e poderia imitar a letra dela. Nick sempre cedia quando era elogiado. A carta escrita por ele era a peça-chave de um plano que Ali esperava nunca precisar pôr em prática, um plano sobre o qual ela nem gostava de pensar a respeito.

Ali olhou para Nick, que devolveu seu olhar com intensidade. Mesmo estando tão feia – além das queimaduras, ela fraturou o nariz, tinha hematomas horríveis e quebrou um dente –, havia amor e devoção nos olhos dele. Ela se lembrou do dia em que se conheceram na clínica psiquiátrica. Não foi muito depois de a irmã dela fazer a troca fatal, a poucos dias do sexto ano, mandando Ali para a nova clínica psiquiátrica em seu lugar. Ali tinha acabado de participar de sua primeira sessão de terapia de grupo, sentada em um círculo com gente louca de verdade.

– Eu não deveria estar aqui – reclamou Ali com o terapeuta, um idiota chamado dr. Brock. – Eu sou Alison, não Courtney. Minha irmã me enganou, e agora ela está vivendo a minha vida.

O dr. Brock olhou para ela com seus olhos tristes e estúpidos.

– Seus médicos de Radley disseram que tinha problemas com isso. Mas você é Courtney. E não há *problema* em ser Courtney. Espero que possamos trabalhar juntos nessa questão.

Ali fechou a cara durante todo o tempo que restou da consulta. Depois que a sessão terminou, alguém tocou a sua mão.

– Eu sei que você está dizendo a verdade – disse uma voz suave atrás dela. – Estou do seu lado.

Nick Maxwell passou a observá-la com fervor. Ali o espiava durante as refeições. Ele era alguns anos mais velho, tinha cabelo ondulado e ombros fortes. Todas as garotas tinham uma queda por ele. Ali também tinha ouvido falar que ele estava no hospital para tratar de seu transtorno de personalidade limítrofe. Ela ficava tão entediada durante as sessões individuais de terapia, que tinha lido partes do *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* no consultório de seu terapeuta; pessoas com tais transtornos eram impulsivas, imprudentes e extremamente inseguras.

Ora, ora, ora. Ali era muito *boa* em explorar inseguranças. Talvez Nick fosse um cara bom de ter ao seu lado.

E assim ela o trouxe para seu rebanho. Eles planejaram tudo, tomando cuidado para não serem vistos juntos, para que ninguém pudesse ligá-los depois que tudo aconteceu. Desenvolveram uma ligação tão profunda e poderosa que Nick os comparou a Romeu e Julieta. Ali achou uma graça esse lado sentimental dele.

E ela devia muito a Nick. Se não fosse por ele, não teria sido capaz de derrubar Ian e Jenna. Não conseguiria perseguir as velhas melhores amigas de sua irmã, apavorando-as enquanto se fazia passar por A. Se Nick não a resgatasse em Poconos, Ali poderia ter morrido naquela explosão, ou ter sido apanhada pela polícia. Ali não teria um teto sobre sua cabeça agora. Aquela casa era uma das muitas propriedades da família de Nick por todo o país, e Ali e Nick a escolheram porque estava desocupada há meses. Quase todas as outras casas na cidade estavam em execução de hipoteca; e outras ainda não tinham sido vendidas. Dias inteiros haviam se passado sem que eles vissem um carro sequer passando por ali.

Apareceram novas imagens na tela da televisão. Primeiro foi um vídeo que tinha visto algumas vezes de seus pais no Aeroporto Internacional da Filadélfia, fugindo dos repórteres que os perseguiam.

– Vocês estiveram em contato com sua filha? – gritavam os repórteres. – Passou pela cabeça de vocês que ela pudesse ser a assassina?

O pai de Ali se virou e olhou para a lente da câmera, os olhos vazios.

– Por favor, deixe-nos em paz – pediu ele com a voz cansada. – Estamos tão horrorizados com essa situação quanto todo mundo. Precisamos de um pouco de paz.

Babacas, pensou Ali. Ela odiava sua família quase tanto quanto odiava as amigas de sua irmã.

Então, bastou falar no diabo, aquelas vacas apareceram. Era uma coletiva de imprensa. Spencer toda apumada e orgulhosa em frente a um microfone. Emily, com as mãos nos bolsos. Hanna de mãos dadas com o namorado, Mike Montgomery. E Aria bem pertinho de Noel Kahn, como se estivessem unidos por um velcro.

Noel. Ali fixou o olhar nele. Por um longo tempo, Noel compartilhara seu segredo. Agora, não mais.

Ela se virou para Nick, cheia de ódio no coração.

– Precisamos apanhá-las de novo.

Nick se encolheu.

– *Sério?*

Ali baixou os ombros.

– Você acha que vou permitir que elas saiam *ilesas*?

Nick parecia em pânico.

– Mas você quase *morreu* na semana passada. Será que realmente vale a pena? Quero dizer, tenho uma conta bancária

não rastreável. Podemos usá-la para escapar para qualquer lugar que quisermos. Você vai se curar, vamos relaxar, e talvez, depois de um tempo, a vingança não seja mais tão importante.

– *Sempre* será importante – retrucou Ali com firmeza, os olhos em chamas. Ela se aproximou de Nick. – Você disse que faria qualquer coisa por mim – choramingou. – Você estava mentindo?

Um olhar apavorado cruzou o rosto de Nick.

– Bem... O que você quer fazer?

Ali se voltou para a coletiva de imprensa. Spencer tinha começado a falar:

– O que desejamos é que isso tudo passe e que possamos continuar com nossas vidas – dizia ela em voz alta e clara. – Há coisas mais importantes acontecendo no mundo para a imprensa cobrir do que nós e nossas vidas. Lamentamos profundamente por Courtney DiLaurentis e sua família. Lamentamos também por Alison; que ela descanse em paz.

Ali revirou os olhos.

– Ah, que *ridículas*.

– O que vocês vão fazer agora? – perguntou uma repórter.

Emily Fields tomou o microfone. Ela parecia enjoada, como se fosse vomitar.

– Temos a oportunidade de viajar para a Jamaica para o recesso de primavera – disse ela com voz trêmula. – Acho que será uma boa ideia sairmos de Rosewood por algum tempo.

Nick deu uma fungadela.

– *Eu* não me importaria de ir para a Jamaica.

Ali teve uma ideia.

– Você consegue nos arrumar passaportes? – perguntou Ali.

Nick franziu as sobrancelhas.

– Provavelmente. *Por quê?*

Ali agarrou as mãos dele enquanto uma ideia se assentava na mente da garota.

– Ninguém estará procurando por nós na Jamaica. Sairemos daqui, como você quer. *E* pegaremos aquelas garotas, do jeito que *eu* quero.

– Mas... como? – perguntou Nick, cauteloso.

– Ainda não tenho certeza. Mas vou descobrir.

Nick parecia hesitar.

– Você não pode permitir que as meninas a vejam. Há polícia em outros países. Elas ainda poderiam denunciar você.

– Bem, vou arrumar alguém que faça meu papel.

– Quem vai fazer isso?

Os olhos de Ali corriam de um lado para outro enquanto ela pensava em suas opções. De repente a luz se fez.

– *Tabitha*.

Tabitha Clark era outra paciente da clínica, uma doce e atormentada loirinha que idolatrava Ali e que podia imitá-la perfeitamente, tanto sua voz quanto seus gestos. Ela era mais parecida com Ali do que Iris Taylor, que tinha sido colega de quarto dela. E o melhor, Tabitha tinha queimaduras nos braços devido a um incêndio. As meninas veriam as cicatrizes, pensariam em Poconos e ficariam loucas.

– Ela não está mais internada – disse Ali, colocando-se em pé. – E fará qualquer coisa que eu pedir. Entre em contato com ela. Diga-lhe que são férias com todas as despesas pagas. Faça parecer que serão férias divertidas. Você faria isso?

Nick beliscou a ponta de seu nariz.

– Claro, claro que sim. – Ele a encarou. E seu olhar parecia preocupado. – Mas você precisa me prometer que, depois da Jamaica, vamos para as Bahamas. Ou talvez Fiji. Vamos desaparecer... *para sempre*.

– Claro. – Ali abriu os braços para ele. – *Obrigada*. Você é o melhor namorado que existe.

Nick beijou a ponta do nariz dela.

– Depois da Jamaica, você vai ser minha prisioneira – resmungou ele com uma voz profunda. – Não precisarei dividi-la com ninguém. Nem com família. Nem com amigos. Você será só minha... *para sempre*.

– Estou aqui para atender seus desejos – disse Ali com uma voz fingida e aguda. Mas, por dentro, ela riu – *como se um dia você pudesse me controlar*.

Ali *dependia* de Nick. Foram o dinheiro e a astúcia dele que conseguiram passaportes e passagens para que chegassem à Jamaica. E ela sabia que ele ficaria ao seu lado, ainda que as coisas não saíssem como planejado. E quando as coisas *deram* errado e eles tiveram de recomeçar, armar novos planos para apanhar as meninas e se envolveram em segredos *ainda maiores* do que aqueles em que já estavam envolvidos, ele a ajudou em cada passo do caminho. Quando ela e Nick precisaram voltar para Rosewood em vez de fugir para outra ilha do Caribe e colocar Nick em papéis-chave na vida de cada uma das meninas para orquestrar suas quedas, ele se envolveu com boa vontade e dedicação. Ali testou Nick repetidas vezes, até mesmo arrastando-o para a Islândia, convencendo-o a matar um homem inocente e, em seguida, forçando-o a conquistar Aria e roubar um quadro. E Nick – doce e sensível, com seu transtorno de personalidade – cumpriu cada uma de suas tarefas sempre obediente e amoroso. O perfeito soldadinho de Ali.

Nós vamos embora depois que elas forem presas, convenceu-o Ali. E, mais tarde, disse: *Vamos embora depois que elas morrerem. E se não morrerem, bem, vamos afundar juntos*.

No entanto, mesmo isso era uma mentirinha. No fundo, Ali estava bolando um novo plano, que seria posto em prática se todo o restante falhasse. Um plano de que Nick nem sequer tinha conhecimento. Tudo começou com a carta que ele escreveu para as meninas sob as ordens dela e terminou com o vídeo que exibia imagens dele matando Tabitha sozinho. Havia outros fatos, também. Coisas que tinha feito quando Nick não estava olhando, usando um alicate e estremeando de dor, com a ajuda de tinta de caneta e sua imaginação. Esforços de última hora, que só seriam usados se Ali estivesse desesperada, sem saída.

A ela importava apenas que aquelas vacas morressem.

Só então ela teria realmente completado sua missão.

1

A MAGIA DO CINEMA

Em uma manhã quente de segunda-feira em meados de junho, Hanna Marin entrou na Poole, uma sorveteria antiga no centro de Rosewood. O interior não havia mudado desde que Hanna estivera ali pela última vez – a mesma máquina de doces embaixo da janela, o chão quadriculado preto e branco, bancos e mesas de aço inoxidável e um balcão comprido de mármore. Os proprietários até ofereciam os mesmos sabores de sorvete, incluindo o Phillies Fundae, um sundae em homenagem ao time de beisebol Philadelphia Phillies. Só de sentir o paradisíaco aroma da massa caseira de waffle e do sorvete de biscoito e creme, o estômago vazio de Hanna rugiu.

Suas antigas amigas Aria Montgomery, Spencer Hastings e Emily Fields estavam em uma mesa nos fundos, embaixo de um grande pôster de uma garota dos anos 1950 delicadamente comendo uma banana split. Fazia duas semanas desde que Hanna as tinha visto, mas ela e as outras haviam recebido um recado de Emily perguntando se poderiam conversar hoje,

então era óbvio o assunto sobre o qual Emily queria conversar. Hanna não tinha certeza, entretanto, se estava pronta.

– Oi, Han. – Spencer deslizou para o lado para abrir espaço. As outras também disseram oi.

Hanna atirou sua bolsa de couro no banco e se sentou. Por um momento, houve apenas silêncio. Spencer tomou um gole do famoso café torrado na hora, seu cabelo loiro caindo sobre o rosto. Aria mexia em uma tigela de *sorbet*. Emily tirava a embalagem de um Charleston Chew.

– Então – disse Hanna, finalmente –, o que há de *novo*?

As meninas deram risadinhas falsas. Hanna esperava que não houvesse *nada de novo* com elas. Os últimos meses foram um verdadeiro redemoinho de acontecimentos – e de desgraças. Primeiro, uma criatura diabólica que enviava mensagens de texto e que se autointitulava A tinha retornado, atormentando cada uma delas com seus segredos. Depois de tudo *isso*, A as havia incriminado no assassinato de Tabitha Clark, uma garota com quem tiveram uma discussão na Jamaica, durante o recesso de primavera do primeiro ano do ensino médio. A polícia tinha falsas evidências que mostravam as quatro amigas espancando Tabitha até a morte.

Era óbvio quem estava por trás de tudo isso: Alison Di-Laurentis, a irmã gêmea da melhor amiga delas. Há duas semanas, as garotas tinham rastreado Ali até uma casa velha e abandonada em Rosewood. Mas Ali e seu namorado, Nick Maxwell, encurralaram as meninas no porão e tentaram matá-las com gás venenoso. A polícia salvou todas bem a tempo, e Nick acabou sendo preso.

E Ali? Ela escapou sem ser vista. Sem deixar rastro.

Aria olhou para Spencer.

– Como foram as suas férias?

Spencer deu de ombros. Sua família tinha ido à casa deles em Longboat Key, na Flórida, por duas semanas, e ela acabara de chegar.

– Venci Amelia no tênis. – Ela olhou para Hanna. – Como foi em Cabo com sua mãe?

– Não foi tão ruim – murmurou Hanna. De maneira totalmente inesperada, depois de Hanna ter sido liberada do hospital, a mãe dela anunciou que as duas viajariam para o México.

– E eu não vou levar trabalho pra viagem – acrescentou Ashley Marin. Uma grande surpresa, já que a mãe de Hanna realizava conferências pela internet até quando estava no banho. Elas passaram a semana se bronzando, bebendo margaritas sem álcool e dando notas para surfistas bonitos. Na verdade, tinha sido meio que... *divertido*.

Aria suspirou.

– Estou com inveja de vocês, meninas, que puderam ir para algum lugar. Fiquei presa aqui esse tempo todo.

Emily levantou o dedo.

– Eu fiquei presa aqui também. Pensando na Ali – disse, baixando os olhos.

Hanna se encolheu ao ouvir o nome de Ali... Mas era algo de que ela não poderia se esconder. Seriam obrigadas a se aproximar dela em breve.

– Não consigo parar de pensar nela – admitiu Emily. – Como não *havia* evidências de que ela esteve naquela casa? – Equipes de perícia varreram a cena do crime depois de tirarem as garotas e Nick de lá e, apesar de terem achado um monte de *fotos* de Ali – Nick as mantinha grudadas na parede, como um santuário para Ali –, não encontraram uma única impressão digital. Os policiais voltaram à antiga tese de que ela havia morrido no incêndio em Poconos.

– Bem, sabemos o que nós vimos – murmurou Hanna, ainda assombrada por aquela noite. Ali parecia tão... *enlouquecida*. Ela colocou uma arma na cabeça de Emily. Depois, a arma sumiu... E a lembrança seguinte na mente de Hanna era estar em uma cama de hospital, junto das amigas. O que havia acontecido naquele intervalo?

Aria pigarreou.

– Alguém ouviu algo a respeito de Iris?

Todas negaram com a cabeça. Iris Taylor tinha sido colega de quarto de Ali na clínica psiquiátrica, apesar de ter passado, recentemente, algum tempo na casa de Emily, dando a ela as pistas de como funcionava a cabeça de Ali e com quem ela estava envolvida. Depois do baile de formatura de Rosewood, Iris voltou ao hospital, mas, quando Emily ligou para saber dela, a enfermeira disse que Iris não tinha voltado para lá. As amigas temiam que Ali tivesse feito algo horrível com a garota.

– E isto aqui? – perguntou Emily, empurrando a edição daquele dia do jornal *Philadelphia Sentinel* para o meio da mesa. Nick, com um macacão laranja de presidiário, era o destaque da primeira página. *MAXWELL ALEGA TER FEITO TUDO SOZINHO*, dizia a manchete.

– Ele está sendo julgado por matar Tabitha – explicou Emily. – E mais: a polícia encontrou um Acura sedan, modelo do último ano, estacionado no bosque atrás daquela cabana. As digitais de Nick estavam por todo o carro.

Os olhos de Spencer se arregalaram.

– Havia um chaveiro de Acura na casa-modelo do meu padrasto depois que foi vandalizada. Isso explica *esse fato*, de qualquer modo.

Hanna puxou o jornal.

– O que Nick diz sobre Ali?

– Ele continua insistindo que Ali morreu no incêndio da casa em Poconos – disse Emily. – E nega que Ali teve relação com a morte de Tabitha, ou com nossa perseguição, ou com o fato de estar lá naquela casa, naquela noite.

– Então, ele está assumindo a culpa por tudo? – Hanna fez uma careta. – Que tipo de maluco faria isso?

– Bem, ele *foi* paciente na clínica – lembrou Spencer. – Talvez esteja sob o encanto da Ali.

Aria revirou os olhos.

– Como *alguém* poderia estar sob o encanto dela?

Um olhar desconfortável atravessou o rosto de Spencer. Ela tirou o celular e o posicionou no centro da mesa.

– Nick não é o único.

Hanna olhou para a tela. OS GATOS DE ALI, dizia um banner no topo. UM SITE DEDICADO A APOIAR ALISON DILAURENTIS. ALISON É UMA JOVEM FORTE, DETERMINADA, INCOMPREENDIDA, E NÓS ESPERAMOS QUE ALGUM DIA O MUNDO CONHEÇA SUA VERDADEIRA FACE. OUÇA-NOS RUGIR, ALI!

Os olhos de Aria se arregalaram.

– O que é *isso*?

– Um fã-clubes – explicou Spencer, com a voz rouca. – Eu o descobri há uma semana. *Esperava* que já não existisse mais, mas pelo jeito...

– Uma jovem forte, determinada e incompreendida? – Emily fez uma careta. – E ‘que algum dia o mundo conheça sua verdadeira face’? Eles acham que Ali está viva?

Spencer balançou a cabeça.

– Parece mais do que uma coisa ‘em memória de’. Há posts sobre festas em que todo mundo se veste como Ali e, ouçam isso, *reencenam* o incêndio de Poconos. Só que, na versão

deles, Ali sempre escapa com vida. Alguns escrevem *fan fiction* sobre o que a Ali fez em seguida. E estão *vendendo* as histórias na Amazon, se vocês querem saber.

Hanna se encolheu.

– Isso é doentio.

Aria ia dobrando seu guardanapo de papel em triângulos cada vez menores.

– Talvez devêssemos entrar em contato com um deles. Talvez eles *realmente* saibam de algo.

Spencer respirou fundo.

– Eu tentei. Mas todos eles usam nomes falsos. E, de qualquer maneira, por que você acha que nos contariam alguma coisa?

– Essas pessoas podem ser *perigosas* – disse Emily, cautelosa.

Aria olhou para o jornal novamente.

– Eu gostaria de conseguir fazer Nick admitir estar mentindo.

– Como? – Hanna gesticulou dando ênfase a sua pergunta. – Não podemos ir até a prisão e forçá-lo a contar tudo.

– Talvez haja um jeito de convencê-lo a confessar – sugeriu Emily. – Ou...

– *Ou* nós poderíamos deixar isso para lá – interrompeu Spencer.

As meninas ficaram quietas. Hanna fez uma careta.

– Você está falando sério? – Spencer sempre esteve à frente da cruzada “vamos achar a Ali”. Ela havia sugerido que fizessem uma reunião para tentar descobrir quem era o ajudante de Ali. Recusou-se a desistir da ideia de procurá-la mesmo quando foram presas.

Spencer brincou com seu chaveiro de prata Tiffany.

– Essa história nos fez perder quase dois anos de nossas vidas. Eu só estou... cansada, sabem? E ainda não recebi nenhum recado da A. Vocês receberam, meninas?

Emily resmungou que não; Aria também. Hanna balançou a cabeça relutantemente. Mas estava o tempo todo esperando que um novo recado surgisse em sua caixa de entrada.

– Isso não significa que deveríamos desistir – disse ela, baixinho. Ali está *por aí em algum lugar*.

– Mas como Ali pode fazer algo sem Nick ao lado? – Spencer pressionou. – Ela provavelmente está se aguentando por um fio.

– Um dos Gatos de Ali poderia ajudá-la – lembrou Emily.

– Imagino que isso seja verdade. – Spencer mexeu no celular. – Mas eles parecem meio pirados, não parecem? – Ela fez uma bola com o guardanapo. – É uma droga que Ali esteja escapando livre dessa. É uma droga que Nick tenha levado toda a culpa, mas, se ele quer apodrecer na cadeia, é a escolha dele. *Nós* precisamos tocar nossas vidas. – Ela encarou Hanna. – E falando nisso... O curso de verão não começa hoje?

Hanna concordou. As meninas tinham sido expulsas do colégio Rosewood Day quando foram acusadas por assassinato, mas então receberam permissão para se formar, caso completassem os créditos de seus cursos. O Instituto de Tecnologia de Moda, a faculdade que havia aceitado Hanna, tinha deixado claro que manteria a vaga dela no outono, desde que suas notas fossem aceitáveis. As outras meninas receberam propostas similares – exceto Aria, que tinha optado por tirar um ano sabático.

– Tenho aula de História em meia hora. – Ela olhou para as outras. – Quando vocês começam?

– Eu preciso repetir Química, mas começa amanhã – respondeu Emily.

– Tudo o que eu preciso fazer é entregar a minha pasta de artes e fazer as provas finais – disse Aria. – A maioria das minhas matérias terminou antes de sermos chutadas da escola.

– O mesmo comigo – disse Spencer. Então, ela ficou em pé. – Bem, vamos lá, Han. Você não deveria se atrasar.

As outras meninas também se levantaram, e todas se abraçaram. Elas enfrentaram a luz do dia, prometendo ligar umas para as outras mais tarde. E então, dessa forma, o encontro terminou, e Hanna estava sozinha na rua. Ela não tinha certeza sobre o que pensar a respeito de tudo o que discutiram. Por mais que quisesse aceitar a proposta de Spencer e deixar Ali de lado, era aterrorizante pensar que Ali estaria em algum lugar... andando livremente. Tendo ideias. Arquitetando planos.

Um caminhão cantou os pneus, virando a esquina. Uma risada ecoou de um beco. Repentinamente, os braços de Hanna se arriaram e ela teve aquela velha sensação que não desaparecia, a de que estava sendo observada por alguém.

Não há ninguém aqui, disse a si mesma, determinada.

Ela colocou os óculos escuros e caminhou pelos poucos quarteirões que a separavam da escola Rosewood Day, um conjunto de prédios imponente que havia pertencido a um barão das ferrovias. Era incrível observar como o lugar parecia diferente no verão. A bandeira vermelha e azul-royal de Rosewood Day, ornamentada com a coroa da escola, não estava hasteada no mastro. A fonte de mármore na frente do ginásio estava seca. Os balanços e os brinquedos no playground dos alunos do ensino fundamental não estavam repletos de crianças pequenas berrando, e nenhum dos onipresentes ônibus amarelos estava alinhado junto ao meio-fio.

Hanna empurrou a porta principal para as salas de aula do ensino médio. Os corredores estavam desertos, e os pisos pareciam não terem sido varridos desde que o ano escolar tinha acabado. Todos os pôsteres anunciando as eleições de classe, os bailes que viriam ou as campanhas de caridade foram retirados das paredes, deixando para trás pontos opacos no concreto nu. Nenhuma música clássica que tocava entre as aulas ecoava no sistema de som. Alguns dos armários estavam abertos e vazios como cavernas escuras. Hanna empurrou uma das portas de leve; ela rangeu assustadoramente nas dobradiças.

Uma sombra se moveu no final do corredor, e Hanna congelou. Então uma risada profunda veio de outra direção. Ela se virou bem a tempo de ver um vulto deslizando, como um fantasma, escada acima. O coração dela disparou. *Fique calma. Você está paranoica.*

Andou na ponta dos pés até a ala de História e espiou dentro da sala de aula. O ar cheirava a suor, e apenas as fileiras de trás estavam ocupadas. Um garoto usando um boné sujo dos Phillies riscava a superfície da carteira de madeira com a ponta de uma chave. Uma garota de *dreadlocks* estava de cabeça baixa, roncando. Um rapaz no canto, parecendo quase ausente, lia o que aparentava ser uma *Playboy*.

Então, Hanna ouviu uma tossida e se virou. Um garoto de boné de tricô e com postura ruim, o qual ela não reconheceu, estava parado muito perto. Ele deu um sorriso estranho.

– O-Olá? – balbuciou ela, com o coração novamente disparado. – Posso ajudar?

O garoto sorriu cheio de marra.

– Você é Hanna Marin. – Ele apontou para ela. – Eu *conheço* você.

Então, ele passou por ela e entrou na sala de aula.

O telefone de Hanna começou a tocar, fazendo-a dar um gritinho de susto e levando-a a perder o equilíbrio e se apoiar em um dos armários. Mas era apenas Mike Montgomery, seu namorado.

– Você já está na escola? – perguntou ele.

Hanna fez um som de *arrã*, ainda sentindo seu pulso disparado.

– É como *A noite dos mortos-vivos*, Mike. Quem são essas pessoas? Nunca vi nenhuma delas na minha vida.

– Foi a mesma coisa quando fiz o curso de motorista no verão passado. Eles mantêm os garotos da escola de verão escondidos no almoxarifado durante o ano letivo. Gostaria de ir aí mantê-la em segurança. Talvez eu devesse pegar o primeiro ônibus e voltar.

Hanna riu, afrita. Desde que ela dissera a Mike que Ali tinha voltado, ele havia se tornado seu guarda-costas de plantão. Um dia, antes de ele partir para o acampamento de futebol em New Hampshire, Hanna havia gritado ao ver uma aranha em sua porta da frente, e Mike apareceu de repente, como um super-herói. Ele estava hipervigilante também, sempre atento quando ela recebia uma mensagem, conferindo sua expressão em busca de preocupação ou medo. Mike havia perguntado a Hanna um milhão de vezes se ele realmente deveria ir ao acampamento por um mês inteiro. *Você pode precisar de mim* era a desculpa dele.

– Você não vai pegar um ônibus – disse Hanna, observando mais algumas pessoas que passavam. E tudo bem, todas usavam sapatos feios e não eram garotos com quem *ela* andasse, mas não eram como zumbis. – Eu posso lidar com alguns esquisitões.

Em seguida, desligou. Alguns segundos depois, o celular dela tocou. *Boa sorte no seu primeiro dia na escola!*, a mãe dela escrevera. *Vamos jantar hoje para comemorar!*

Hanna sorriu. Por anos, tinha buscado apoio no pai, mas isso mudou de uma vez por todas no dia em que foi presa pelo assassinato de Tabitha e o pai disse que ser associado a ela estava “acabando com sua campanha política”. Então, de uma maneira maravilhosa, sua mãe havia tomado as rédeas da situação, realmente tentando estar presente. Na noite anterior, elas tinham ido a Otter, a butique favorita de Hanna, para comprar uma roupa “para o primeiro dia do curso de verão” – o minivestido listrado e as *ankle boots* acinzentadas que Hanna usava naquele momento.

Parece bom, escreveu de volta. Em seguida, encaminhou-se para a classe, os saltos fazendo barulho contra o piso, seu cabelo avermelhado balançando em seus ombros. A luz do sol entrava pelas janelas altas de um jeito tão bonito que Hanna se sentiu feliz de repente, tomada por uma sensação de bem-estar. E daí se precisava repetir as aulas de História com um grupo de perdedores? Pelo menos conseguiria se formar. A imprensa e a cidade não a odiavam mais nem pensavam que ela era uma assassina. E Hanna ainda podia contar com suas amigas, um namorado incrível, e agora, pela primeira vez na vida, tinha uma mãe que realmente se importava. Talvez elas *devessem mesmo* deixar essa coisa sobre a Ali de lado e apenas aproveitarem suas vidas.

As únicas carteiras que sobraram eram as da fileira da frente, então Hanna se sentou, ajeitou o vestido e esperou que o professor chegasse. Seu celular tocou novamente. A ligação era de um código de área que ela não reconheceu, o que sempre a deixava alerta.

– Hanna Marin? – retumbou uma voz quando Hanna disse um alô hesitante. – Meu nome é Felicia Silver. Sou a produtora executiva de *Burn It Down*. É a história real de sua terrível provação com Alison DiLaurentis.

Hanna segurou um gemido. Aquilo parecia outro *Pretty Little Killer*, o filme feito para a televisão que mostrava Hanna e as outras brigando pela *primeira vez* com Ali. Deus, aquele filme era horrroso. Cada parte dele: os cenários, o roteiro, a garota desleixada que havia sido escalada como Hanna. Por um tempo, o filme passava em algum canal toda semana. Hanna tinha de enfrentar colegas de escolas que citavam frases dele no corredor, encostados nos armários ou na cafeteria. Será que o mundo realmente precisava de *outro* filme sobre sua vida?

– Eu sei o que você está pensando; que aquela coisa feita para a televisão foi uma porcaria. – Felicia mascava chiclete enquanto falava. – Mas este vai ser diferente. É um filme feito para o cinema. Com atores de verdade e um bom roteiro. E nós vamos filmá-lo bem aqui em Rosewood, então conseguiremos a ambientação correta.

– Ahn! – disse Hanna, surpresa. Ela não tinha visto nenhum caminhão de filmagem nem equipamentos pela cidade.

– De qualquer maneira, o motivo da minha ligação é por *sua* causa, Hanna – continuou Felicia. – Eu vi você nos comerciais com seu pai. A câmera ama você.

Hanna corou. Antes de seu pai romper com ela, eles tinham filmado juntos alguns anúncios de campanha, incluindo um serviço de utilidade pública chamado “Não beba e dirija”. Hanna não quis se gabar, mas ela também achava que tinha mandado bem.

– Quero oferecer a você um papel no filme – continuou Felicia. – Seria uma publicidade *fantástica* para nós e uma experiência divertida para você, creio. Pensamos em você como Naomi Zeigler, alguém com um papel pequeno, mas crucial. Ela tem uma participação grande nas cenas do cruzeiro.

Ah, sim, Hanna quase gritou. Ela havia *vivido* aquelas cenas. Mas então ela percebeu o que Felicia havia oferecido.

– Você quer que eu tenha um papel que realmente tenha falas?

– Isso. Essa é a sua oportunidade de mostrar ao mundo que você deixou essa coisa sem sentido para trás, e agora é uma atriz fabulosa. O que você me diz?

A cabeça de Hanna girou. Queria dizer a Felicia que talvez ela *ainda* não tivesse deixado as coisas sem sentido para trás... mas Felicia provavelmente pensaria que ela era maluca. Ela *deveria* aceitar? Spencer sempre foi a garota da atuação, estrelando todas as peças da escola, decorando os monólogos de Ibsen só por diversão e sempre querendo fazer exercícios de improvisação quando dormiam uma na casa da outra. Mas *era* tentador. Será que esse filme teria uma *première* com tapete vermelho em Hollywood? Será que ela poderia *ir*?

Ainda assim, ela não tinha certeza.

– Eu não sei – disse ela, vagarosamente. – Preciso pensar sobre isso.

– Na verdade, nós precisamos de uma resposta imediata – insistiu Felicia, repentinamente parecendo impaciente. – Vamos lá, Hanna. Será uma experiência incrível. Hank Ross vai dirigir. E adivinhe quem vai interpretar você? Hailey Blake!

Hanna ficou boquiaberta. Hailey Blake era uma jovem estrela de cinema bonita, brilhante e superfamosa que estava presente na lembrança de Hanna havia anos, desde seu

papel de estreia como Quintana em *Abracadabra*, o programa da Disney favorito de Hanna. Depois daquilo, ela fez uma série de filmes legais para adolescentes. Mais recentemente, foi a apresentadora do Teen Choice Awards e deu um beijo ao vivo em seu parceiro, o cara sexy de *Bitten*, um filme sensual de vampiros. E se esse filme era bom o bastante para *Hailey*...

– Acho que eu posso tentar. – Ela se ouviu dizendo.

– Fabuloso! – comemorou Felicia. – Vou mandar um e-mail com os detalhes para você.

Hanna desligou, ainda entorpecida. Ela ia estrelar um filme... com *Hailey Blake*. Um filme *de verdade*, com noite de estreia com tapete vermelho. Noites de estreia com tapetes vermelhos também significavam festivais como Sundance e Cannes, não? E também significavam entrevistas com Ryan Seacrest e todos os apresentadores do canal E!. Talvez pudesse fazer um quadro como convidada no *Fashion Police*! Ela e Hailey, juntas!

Tudo de uma vez, seu futuro se desfraldou diante dela, claro e brilhante. Pela primeira vez, algo realmente *positivo* poderia vir do pesadelo de A.

Título original
TOXIC
A PRETTY LITTLE LIARS NOVEL

Copyright © 2014 by Alloy Entertainment e Sara Shepard

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

“Edição brasileira publicada mediante acordo com Rights People, London.”

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
SOPHIA LANG
VIVIANE MAUREY

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Shepard, Sara

S553v Venenosas / Sara Shepard; tradução Fal Azevedo. – Primeira edição.
Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2016.
(Pretty Little Liars; 15)

Tradução de: Toxic
ISBN 978-85-7980-266-9

1. Ficção norte-americana. I. Azevedo, Fal. II. Título. III. Série.

15-28625

CDD-813
CDU-821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.